

A REPRODUÇÃO COMO FORMA - UM OLHAR SOBRE A LITERATURA PÓS-AUTÔNOMA E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

REPRODUCTION AS A FORM – A LOOK AT POST-AUTONOMOUS LITERATURE AND THE INFLUENCE OF THE MEDIA

Maria Simara de Aguiar¹
Oton Magno Santana dos Santos²

Resumo: A partir das reflexões de Josefina Ludmer (2007), este artigo aborda a literatura pós-autônoma, caracterizada por obras que, embora utilizem formas e gêneros literários tradicionais, ultrapassam os limites da literatura enquanto campo autônomo, abrindo-se à leitura como manifestação da realidade social e midiática contemporânea. A problematização centra-se na forma como a mídia influencia a produção, a circulação e a recepção dessas obras, afetando também a experiência leitora. O objetivo é discutir as relações entre literatura e mídia na contemporaneidade, com ênfase no romance *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho, como objeto principal de análise. A metodologia consiste em uma leitura analítica e interpretativa da obra, à luz de conceitos teóricos relacionados à mídiatização e à literatura expandida. O embasamento teórico fundamenta-se em autores como Ludmer (2007), Giselle Beiguelman (2021), Claus Clüver (2011), Elizabeth Lima (2015), Stig Hjarvard (2014) e Leonardo Villa-Forte (2019), cujas contribuições possibilitam compreender o diálogo entre literatura e mídia na cultura digital. Os resultados apontam que a literatura pós-autônoma não apenas incorpora elementos midiáticos em sua forma e conteúdo, mas também se reconfigura diante das transformações tecnológicas e comunicacionais, o que impacta diretamente a forma como os leitores acessam, interpretam e valorizam os textos literários na atualidade.

Palavras-chave: Literatura. Pós-autonomia. Reprodução. Mídia.

Abstract: Based on the reflections of Josefina Ludmer (2007), this article addresses post-autonomous literature, characterized by works that, while utilizing traditional literary forms and genres, transcend the limits of literature as an autonomous field, opening themselves up to reading as a manifestation of contemporary social and media reality. The problematization focuses on how the media influence the production, circulation, and reception of these works, also affecting the reading experience. The objective is to discuss the relationship between literature and media in contemporary times, with an emphasis on Bernardo Carvalho's novel *Reprodução* (2013) as the main object of analysis. The methodology consists of an analytical and interpretative reading of the work, in light of theoretical concepts related to mediatization and expanded literature. The theoretical foundation is based on authors such as Ludmer (2007),

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador - Bahia. E-mail: simaraaguiar@hotmail.com/ <https://orcid.org/0000-0002-3939-7987>.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador - Bahia. E-mail: omsantos@uneb.br/ <https://orcid.org/0000-0002-6872-4799>.

Giselle Beiguelman (2021), Claus Clüver (2011), and Elizabeth Lima (2015), Stig Hjarvard (2014) and Leonardo Villa-Forte (2019), whose contributions enable us to understand the dialogue between literature and media in digital culture. The results indicate that post-autonomous literature not only incorporates media elements into its form and content but also reconfigures itself in the face of technological and communicational transformations, which directly impacts how readers access, interpret, and value literary texts today.

Keywords: Literature. Post-autonomy. Reproduction. Media.

Introdução

A forma de produzir uma obra literária, assim como sua estrutura narrativa, dizem muito sobre o tempo de sua produção, pois o texto literário nasce, fatalmente, impregnado de história. Estamos vivendo um período repleto de transformações, onde novos conceitos surgem e as fronteiras se entrelaçam, levando a questionamentos profundos, inclusive sobre o que realmente significa literatura. Aliás, são múltiplos conceitos, dentre eles o da literatura pós-autônoma, que seria uma literatura que se apresenta diversa em seus aspectos formais e temáticos: reinventando a técnica, propondo novas possibilidades de expressão, extrapolando a categorização dos textos em gêneros e até mesmo a classificação em literários e não literários, conforme nos apresenta a crítica literária e teórica argentina Josefina Ludmer (2007, p. 1): “Essas escrituras não admitem leituras literárias; isto quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura. E tampouco se sabe ou não importa se são realidade ou ficção”.

Ludmer analisa a literatura contemporânea, especialmente no contexto latino-americano. Em suas reflexões sobre a literatura considerada pós-autônoma, ela argumenta que essa forma de escrita se caracteriza por uma relação mais fluida entre ficção e realidade, rompendo com estruturas tradicionais de autoria e narrativa. Nessa perspectiva, a literatura pós-autônoma não se limita a um autor ou a um texto isolado, mas se insere em uma rede mais ampla de significados e contextos sociais, políticos e culturais, enfatizando a intertextualidade e a presença de vozes coletivas. Assim, as histórias deixam de ser contadas exclusivamente por indivíduos para emergirem também de experiências compartilhadas e atravessadas por múltiplos discursos. Essa perspectiva pode ser relacionada à escrita de Bernardo Carvalho no romance *Reprodução* (2013), cuja narração em terceira pessoa, construída por meio do discurso indireto livre, mistura a voz do narrador aos pensamentos do personagem, produzindo um fluxo verbal acelerado, marcado por escassa paragrafação e pela sobreposição de percepções imprecisas, desejos e discursos sociais, o que tensiona as fronteiras entre interioridade e exterioridade e evidencia a fragmentação característica da literatura pós-autônoma.

Além disso, Ludmer critica a noção de que a literatura deve ser puramente estética ou autônoma, defendendo que as obras literárias devem engajar-se com questões sociais e históricas, refletindo as complexidades da vida contemporânea. A literatura pós-autônoma, segundo Ludmer, é um espaço de resistência e transformação, onde as fronteiras entre o real e o imaginário se tornam mais permeáveis.

Neste artigo, propomo-nos a refletir sobre essa nova forma de escrita — tomando como foco o romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho — marcada por uma multiplicidade que se manifesta na linguagem, na estrutura narrativa e na relação com o leitor. Trata-se de uma escrita heterogênea, que transborda as margens do papel, adentra o universo virtual e transforma os modos de leitura. Essa “nova literatura” não combina com rótulos, todavia, são perceptíveis as características da literatura pós-autônoma nas mais variadas obras, dentre elas, *Reprodução*. De acordo com Ludmer:

Seguem aparecendo como literatura e tem o formato livro (são vendidas em livrarias e pela internet e em feiras internacionais do livro) e conservam o nome do autor (que pode ser visto na televisão e em periódicos e revistas de atualidade e recebe prêmios em festas literárias), se incluem em algum gênero literário como o “romance”, e se reconhecem e definem a si mesmas como literatura. Aparecem como literatura, mas não se pode lê-las com critérios ou categorias literárias como autor, obra, estilo, escritura, texto e sentido (Ludmer, 2007, p. 1).

Nesse excerto Ludmer reflete sobre a natureza da literatura contemporânea e aponta para a complexidade do que se considera “literatura” nos dias de hoje, sugerindo que, apesar de certas obras apresentarem todas as características formais de um livro — como formato, comercialização e reconhecimento do autor —, elas não podem ser avaliadas pelos critérios tradicionais que costumamos aplicar. Ao mencionar que não se pode lê-las com critérios literários clássicos, Ludmer sugere que há uma necessidade de novas categorias e abordagens para compreender essa produção literária. Isso implica em reconhecer que a literatura não é um campo estático, mas sim dinâmico e em constante evolução, onde as fronteiras entre o literário e o não literário se tornam cada vez mais flexíveis.

No romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, o leitor é inicialmente conduzido à expectativa de uma narrativa ficcional tradicional. No entanto, à medida que a leitura avança, emergem situações que evocam experiências cotidianas e verossímeis, tensionando os limites entre ficção e realidade. Essa ambiguidade leva à seguinte indagação: o que se lê é uma construção imaginária ou o reflexo de um real deslocado para a literatura?

A estrutura tripartida de *Reprodução* — “A língua do futuro”, “A língua do passado” e “A língua do presente” — revela-se altamente significativa ao apontar para um dos eixos centrais do romance: a crise da linguagem e a incomunicabilidade no mundo contemporâneo. Ao dividir o romance nesses três tempos da língua, Bernardo Carvalho propõe uma reflexão sobre a falência dos sistemas de comunicação, mesmo em uma era marcada pela hiperconectividade. A fragmentação temporal sugere que o problema da linguagem não é circunstancial nem recente, mas atravessa diferentes períodos históricos, manifestando-se como um impasse persistente da condição humana.

A narrativa se desenvolve e incorpora elementos do universo digital, introduzindo a figura do “estudante de chinês” — personagem sem nome, detido pela Polícia Federal na fila do *check-in*, quando tentava embarcar para a China. Trata-se de um sujeito desempregado, com passagem pelo mercado financeiro e abandonado pela esposa, que, em meio a uma crise de identidade, acredita que o domínio da língua chinesa poderá representar uma via de reinserção profissional e existencial. No entanto, ao ser confundido com um possível traficante internacional de drogas, o personagem inicia uma longa argumentação, voltada não apenas ao delegado responsável pela abordagem, mas ao próprio leitor, por meio de um fluxo discursivo desordenado, autorreferente e impregnado de preconceitos — dirigidos a negros, judeus, árabes, homossexuais, pessoas gordas e pobres — que não apenas o incriminam ainda mais, mas também expõem sua instabilidade subjetiva.

Por meio das falas do estudante de chinês, Bernardo Carvalho mimetiza os discursos desinibidos e, por vezes, agressivos das redes sociais, espaço onde os sujeitos, muitas vezes sob o anonimato de perfis falsos, constroem identidades — fictícias ou hiper-reais — encobertas por avatares. Assim, a narrativa mobiliza recursos da oralidade digital e da performance virtual, tensionando fronteiras entre o eu e o outro, o público e o privado, o real e o ficcional.

Os demais personagens da obra também não são nomeados, o que pode ser interpretado como uma estratégia narrativa de despersonalização ou, ainda, de generalização das figuras representadas. Entre eles, destaca-se a professora de chinês, que embarcaria no mesmo voo do protagonista e cuja presença desencadeia a detenção do estudante. Há, ainda, o delegado — envolvido em uma complexa situação de paternidade com outro agente da Polícia Federal — e a delegada, cuja instabilidade emocional a aproxima de um estado de descontrole.

De certo modo, todos esses personagens parecem atravessar crises identitárias, empenhados na tentativa de atribuir sentido às suas trajetórias pessoais. Cada um constrói — ou reproduz — versões particulares da realidade, alinhadas a percepções subjetivas e verdades

fragmentadas. Em outras palavras, são múltiplas *reproduções*, no sentido em que o título da obra sugere: um jogo de duplicações, ecos e distorções do real.

O estudante de chinês, por sua vez, vai além: ele reproduz, de forma compulsiva, os discursos circulantes na internet e na imprensa. Sua fala transita por uma gama extensa de temas — da reprodução sexual à política externa, passando por economia e relações internacionais —, mas sem qualquer domínio consistente sobre os assuntos abordados. O que se evidencia é um discurso automatizado, formado por fragmentos de textos e opiniões previamente moldadas em blogs, sites e redes sociais. Trata-se de um fluxo de enunciados estereotipados, em uma cadeia infinita de informações replicadas, esvaziadas de reflexão crítica. Nesse sentido, à luz da análise de discurso, conforme proposta por Michel Pêcheux, é possível compreender que o sujeito não detém controle absoluto sobre o que diz, sendo atravessado por formações discursivas que o antecedem e o constituem. Assim, o discurso midiático, ao circular e se reiterar, produz efeitos de sentido que são apropriados pelo personagem como se fossem próprios, contribuindo para a construção de uma ficcionalidade que evidencia, além da repetição, a ilusão de autonomia do sujeito enunciator.

Bernardo Carvalho lança mão de um humor sutilmente irônico para conferir à obra não apenas fluidez narrativa, mas também uma camada de crítica social e cultural que convida à reflexão sobre os modos contemporâneos de produção, circulação e apropriação do discurso.

Nesse sentido, Josefina Ludmer (2007) argumenta que, na literatura contemporânea que marca o “fim de um ciclo”, as fronteiras entre ficção e realidade tornam-se cada vez mais tênues e imprecisas. A autora propõe a noção de “escrituras” ou “literaturas pós-autônomas” para se referir a obras que transitam simultaneamente dentro e fora dos limites da ficção, reformulando, assim, a própria ideia de realidade. Para Ludmer, essa realidade não é algo dado ou fixo, mas uma construção mediada por discursos oriundos dos meios de comunicação, das tecnologias digitais e das ciências.

As literaturas pós-autônomas, portanto, não apenas refletem essas mediações, mas estão profundamente moldadas pelas dinâmicas midiáticas e pelos desejos de um novo tipo de leitor/receptor. Esse leitor, conforme destaca Ludmer, busca acessar “territórios do presente”, ou seja, conteúdos que se aproximem do cotidiano e de experiências concretas, com menor grau de fabulação. Trata-se de uma demanda por obras que mimetizem ou expressem formas de realidade socialmente reconhecíveis, o que implica transformações tanto nos modos de produção e circulação dos textos literários quanto nas práticas de leitura contemporâneas.

Esse novo regime de representação configura uma realidade híbrida, na qual se fundem o real e o virtual, o fatural e o ficcional, o possível, o improvável e até mesmo o utópico. Em suma, trata-se de uma fusão entre ficção e realidade, característica central das escrituras pós-autônomas.

Na trama das mídias

Esse novo público leitor — formado majoritariamente por pessoas entre 16 e 34 anos, faixa etária considerada a mais conectada, segundo pesquisa publicada pelo portal G1³ — valoriza intensamente o eu, a exposição da imagem e o espetáculo. Essa valorização se reflete nos modos de recepção literária, marcados por uma rejeição ao papel passivo de leitor tradicional. Tal dinâmica se evidencia, por exemplo, na produção de conteúdo literário em plataformas digitais como *YouTube* e *TikTok*, nas quais leitores assumem o papel de mediadores e curadores, compartilhando resenhas, recomendações e reações em formatos breves, visuais e altamente performáticos, o que contribui para a viralização de obras e autores. A centralidade da obra e seu valor estético vão gradualmente cedendo espaço às demandas do mercado editorial e às expectativas do leitor contemporâneo, impulsionadas pelo advento do computador e pela massificação da internet. Tal cenário levanta questões sobre o papel da mídia e das premiações na definição do que se considera “literariamente valioso”.

Na sociedade atual, fortemente imagética, o autor frequentemente ganha mais visibilidade do que sua própria obra, em um contexto em que o entretenimento se sobrepõe à cultura. Como observa Elizabeth Lima (2015, p. 52), “o centro de interesse do público e do mercado não se circunscreve única e tão somente à obra literária, mas antes à figura do autor, cuja exacerbada estetização pode ser vislumbrada nas festas e feiras literárias”. Tais eventos, embora denominados literários, se assemelham a grandes espetáculos, reunindo atrações musicais, artísticas, comerciais e, evidentemente, escritores — mas o livro, muitas vezes, serve apenas como pano de fundo para o entretenimento e o engajamento nas redes sociais.

Um exemplo ilustrativo dessa dinâmica foi registrado em matéria da *Revista Veja*, intitulada *Conceição Evaristo é vítima da ‘praga’ que acomete escritores-celebridades*⁴. A

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/conceicao-evaristo-e-vitima-da-praga-que-acomete-escritores-celebridades>. Acesso em: 08 dez. 2023.

reportagem relata o tumulto causado pela presença da autora na 21ª edição da FLIP, em Paraty. Segundo o texto, Conceição Evaristo sequer conseguiu caminhar pelas ruas da cidade, situação que se repetiu com Itamar Vieira Júnior. Contudo, o que chamou atenção foi o fato de muitos fãs não carregarem livros, tampouco buscarem autógrafos — seu objetivo era tirar *selfies*. Observa-se, ainda, que esse tipo de comoção não se refletiu nas vendas, já que as obras da escritora não figuravam entre as mais vendidas na lista oficial do evento. Tal fenômeno, descrito como “a praga contemporânea das redes sociais”, evidencia a crescente dissociação entre prestígio midiático e valorização literária efetiva.

O escritor Bernardo Carvalho posiciona-se, em certa medida, na contramão de um cenário literário fortemente marcado pela lógica midiática, no qual a circulação e a legitimação das obras tendem a ser influenciadas pela recepção em ambientes digitais, especialmente em nichos específicos de leitores vinculados a redes sociais. Nesses espaços, observa-se a valorização de determinados gêneros e formatos — frequentemente associados à leitura ágil e ao entretenimento —, ainda que tal tendência não possa ser generalizada para o conjunto dos leitores contemporâneos.

Com o romance *Reprodução*, Carvalho alinha-se de modo significativo aos pressupostos da literatura pós-autônoma ao explorar a complexidade narrativa e a interseção entre ficção e realidade. A obra desafia categorias tradicionais ao apresentar uma estrutura fragmentada, que reflete sobre a condição humana em um mundo globalizado e interconectado. Por meio da mobilização de múltiplas vozes e perspectivas, o autor constrói uma rede de significados que rompe com a linearidade narrativa e tensiona as expectativas do leitor.

Nesse sentido, o romance também opera como uma forma de sátira ao reproduzir, no plano formal, dinâmicas discursivas características da internet. A construção de um personagem que fala ininterruptamente sobre os mais diversos temas remete a modos de enunciação recorrentes nas redes digitais, marcados pela circulação acelerada de informações e pela justaposição de discursos heterogêneos. Tal procedimento não se limita ao nível temático, mas implica uma reelaboração da própria forma de narrar.

Assim, *Reprodução* exemplifica uma proposta literária que se reconhece em sua complexidade e pluralidade, afastando-se de definições rígidas para afirmar uma escrita que dialoga criticamente com as condições de produção e circulação da literatura na contemporaneidade. A narrativa se estrutura predominantemente como um monólogo — ou, mais precisamente, como uma sucessão de falsos diálogos — em que o protagonista fala quase ininterruptamente, interpelando supostos interlocutores que raramente têm voz ativa. Essa

forma narrativa é ilustrada por trechos como: “Semita? O meu nome? Não, não. É, parece árabe, mas não é. Certeza absoluta. Onde é que o senhor quer chegar? O senhor não vai reter o meu passaporte, vai? Vai reter?” (Carvalho, 2013, p. 29).

Nesse fluxo de fala, observa-se a reprodução não apenas de informações — muitas vezes sem contextualização ou comprovação — mas também de discursos marcadamente preconceituosos e estigmatizantes. Exemplos disso incluem afirmações como: “O senhor sabe que em vinte anos a percentagem de religiosos no exército de Israel passou de dois por cento para quarenta e dois por cento?” (Carvalho, 2013, p. 31), ou ainda: “Aposentado é um estorvo pra sociedade” (Carvalho, 2013, p. 21). Essas falas evidenciam um sujeito que consome e replica conteúdos de maneira acrítica, frequentemente reproduzindo discursos estereotipados veiculados pela mídia e pelas redes sociais.

Paralelamente, o romance também aborda a ideia de reprodução em seu sentido biológico, ligado ao crescimento populacional. O narrador reflete sobre a condição humana com uma visão pessimista e quase niilista: “O homem é o único animal que tem consciência de que sua reprodução é um suicídio e mesmo assim continua a se reproduzir, não pode parar.” (Carvalho, 2013, p. 49); “Só resta rezar contra o irresponsável que mandou o homem crescer e se multiplicar.” (Carvalho, 2013, p. 49-50).

Assim, o termo reprodução adquire múltiplos sentidos na obra: é a repetição automatizada do discurso, a replicação de preconceitos sociais e a perpetuação biológica da espécie — todos entrelaçados em uma crítica profunda às dinâmicas contemporâneas de comunicação, identidade e existência.

No que diz respeito à estrutura, o romance *Reprodução* apresenta parágrafos extensos compostos por períodos curtos e fragmentados, o que imprime ao texto um ritmo acelerado, evocando a sensação de urgência e fluidez característica da circulação de informações na internet. Bernardo Carvalho apropria-se de elementos da linguagem digital — marcados pela informalidade, velocidade e fragmentação — e os incorpora à tessitura de um texto literário escrito. Esse trânsito entre diferentes linguagens e suportes configura o que Claus Clüver (2011) denomina “intermedialidade”: as relações estabelecidas entre diferentes mídias, incluindo a literatura.

O conceito de intermedialidade amplia as possibilidades de diálogo entre as diversas formas de arte — todas consideradas, nesse contexto, como mídias — e redefine tanto os modos de produção quanto as formas de recepção estética. No cenário contemporâneo, impulsionado

pela revolução digital, a experiência artística e literária se transforma, incorporando uma variedade crescente de modalidades expressivas, formatos e linguagens.

Segundo Clüver (2011), os textos não existem em isolamento, mas inserem-se em uma rede dinâmica de referências intertextuais e intermediáticas, dialogando com outras formas de expressão como o cinema, a televisão, as artes visuais e as plataformas digitais contemporâneas. A partir dessa perspectiva, a experiência estética é moldada não apenas pelo conteúdo verbal, mas também pela maneira como esse conteúdo interage com outros sistemas semióticos. Isso exige do leitor uma postura interpretativa mais ativa e atenta às múltiplas camadas de sentido que emergem do entrelaçamento entre os diferentes meios de expressão. Em última instância, essa dinâmica desafia as convenções tradicionais da narrativa, inserindo a literatura em um contexto cultural cada vez mais híbrido e fluido.

Nesse contexto, no qual tudo é fugaz e acontece muito rápido, em que há uma saturação de informações provocada pelo uso excessivo da internet, fica cada vez mais difícil criar algo realmente inédito. É nesse cenário que muitos escritores contemporâneos estão se inspirando para produzir uma nova escrita, surgindo uma nova cultura e uma nova literatura, evidenciando a ascensão de novos modelos narrativos.

É preciso destacar que mesmo o campo literário estando, de certa forma, imerso e vinculado ao campo midiático, existem ainda as concepções puristas, ingênuas ou nostálgicas que defendem que a cultura midiática destituiria a literatura de seu papel. Há também discursos “apocalípticos” afirmando que a literatura da contemporaneidade seria o fim do “literário”, um esvaziamento letal. Essa visão deve-se, em parte, ao fato que durante muito tempo atribuiu-se à literatura a representação do estável, com formas e normas fixas; algo que não deveria ser tocado. Por outro lado, há aqueles que veem no “esvaziamento” outras possibilidades de preenchimento, com novas formas de criação e recriação. Seria uma perda e um ganho; com especial atenção ao papel do leitor, que conquista uma elevação nesse cenário.

No artigo *Midiatização: conceituando a mudança social e cultural*, Stig Hjarvard (2014)⁵ analisa o papel das mídias na configuração das práticas sociais contemporâneas, destacando a midiatização como um processo estruturante das relações culturais, políticas e institucionais. Segundo Hjarvard (2014, p. 23), “hoje experimentamos uma midiatização intensificada da cultura e da sociedade, que não está limitada ao domínio da formação da opinião pública, mas que atravessa quase toda instituição social e cultural, como a família, o

⁵ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929/85963>. Acesso em: 17 nov. 2023.

trabalho, a política e a religião”. A midiaticização, nesse sentido, não se restringe à mera mediação de informações, mas constitui uma força ativa que molda valores, comportamentos e formas de percepção da realidade. Para Hjarvard, as mídias tornam-se cada vez mais centrais nas práticas sociais, integrando-se aos modos de vida e às estruturas institucionais. Esse processo transforma as formas de interação humana e redefine os regimes de verdade e legitimidade, interferindo diretamente na construção da realidade social. Assim, as narrativas midiáticas não apenas informam, mas desempenham um papel normativo, influenciando o imaginário coletivo e os modos de subjetivação.

Esse quadro conceitual oferece uma chave interpretativa proficiente para a análise do romance *Reprodução*. A obra insere-se plenamente em um contexto cultural midiaticizado, no qual o protagonista — o “estudante de chinês” — reproduz discursos amplamente veiculados na internet, evidenciando a internalização acrítica de narrativas circulantes nos meios digitais. Sua fala fragmentada, acelerada e marcada por opiniões estereotipadas reflete a lógica de funcionamento das redes sociais, onde a sobreposição de informações e a superficialidade dos conteúdos geram uma aparência de conhecimento sem profundidade analítica.

A construção desse personagem ilustra, de forma contundente, como a midiaticização afeta as formas de subjetividade e as relações sociais: o estudante é um sujeito atravessado por discursos midiáticos, cuja identidade se constrói pela repetição automatizada de conteúdos extraídos de plataformas digitais. Sua incapacidade de elaborar um discurso próprio e coerente revela uma crise de sentido alimentada por um ecossistema comunicacional saturado, que molda não apenas o que se diz, mas também como se pensa e se age.

Dessa forma, *Reprodução* se configura como uma crítica incisiva à sociedade midiaticizada, evidenciando como os meios de comunicação, ao se tornarem onipresentes, impactam profundamente os modos de ser, pensar e se relacionar no mundo contemporâneo. A obra literária, nesse contexto, atua como espaço privilegiado para refletir sobre os efeitos socioculturais da midiaticização e sobre os limites da autonomia subjetiva em uma era dominada pela reprodução incessante de discursos.

Já há algum tempo é evidente o poder que os meios de comunicação exercem sobre a sociedade, independentemente de sua forma de difusão — seja ela escrita, falada, televisiva ou disseminada pelos ambientes digitais. A mídia tornou-se uma presença onipresente no cotidiano contemporâneo, moldando opiniões, comportamentos e percepções. Somos constantemente bombardeados por uma avalanche de informações — muitas vezes imprecisas ou deliberadamente falsas — que impactam nossas decisões e ações de maneira profunda. Nesse

cenário, a mídia pode operar como instrumento de manipulação, transformando a sociedade em uma espécie de “massa de manobra” que serve a interesses específicos, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos. Tal dinâmica pode ser compreendida sob a perspectiva da crítica de Theodor Adorno (1999) à indústria cultural, segundo a qual os meios de comunicação de massa tendem a padronizar conteúdos e consciências, promovendo uma homogeneização do pensamento e dificultando o desenvolvimento de uma postura crítica por parte dos indivíduos.

Esse contexto levanta uma pergunta complexa, mas necessária: qual é, afinal, o poder da mídia sobre a literatura? Embora não seja possível oferecer uma resposta definitiva, tampouco mensurar com exatidão os efeitos dessa influência, é inegável que os meios de comunicação exercem um papel relevante na legitimação, circulação e recepção das obras literárias. A mídia pode impulsionar ou restringir a visibilidade de determinadas obras, moldar o gosto do público leitor e até influenciar os próprios temas e estratégias narrativas dos escritores, por meio da promoção seletiva de determinados autores, editoras e discursos. Trata-se, portanto, de um impacto estrutural, que afeta tanto a produção quanto a recepção da literatura na contemporaneidade.

Esse cenário de influência e controle é aprofundado no conceito de *Dadosfera*, proposto por Giselle Beiguelman (2021), que analisa como o acúmulo massivo de dados dos usuários digitais possibilita práticas sofisticadas de vigilância e direcionamento de conteúdos. Nas redes, nosso comportamento é rastreado e analisado por algoritmos capazes de realizar o que a autora denomina “profilagem” — ou seja, a categorização dos sujeitos com base em padrões de consumo, preferências e engajamento. Essa vigilância algorítmica atua de forma invisível, interferindo em nossas escolhas individuais e também em processos democráticos mais amplos. Beiguelman argumenta que, na economia digital, os usuários são convertidos em produtos: seus dados pessoais se tornam recursos exploráveis para fins econômicos, políticos e publicitários.

Essas ideias se articulam de maneira produtiva com a análise do romance *Reprodução*, que pode ser lido como uma crítica ficcional aos efeitos da mídiatização e da vigilância digital nas subjetividades contemporâneas. A fala fragmentada e incessante do protagonista reproduz o fluxo desgovernado de informações típicas das redes sociais, em que a velocidade suplanta a reflexão, e a repetição substitui o pensamento crítico. Nesse sentido, o romance encena, por meio de sua forma e conteúdo, os efeitos da dadosfera e da mídiatização nas subjetividades contemporâneas: um sujeito reduzido à reprodução de discursos externos, construído pela lógica da vigilância, do consumo de informações e da performatividade on-line. Assim, *Reprodução* não apenas tematiza, mas formaliza literariamente o impacto das dinâmicas

mediáticas e algorítmicas sobre a constituição do sujeito e sobre a própria linguagem, demonstrando como a literatura pode, ainda hoje, funcionar como espaço privilegiado de resistência e crítica aos dispositivos de poder da sociedade midiaticizada.

Nesse cenário marcado por redes invisíveis, em que muitos falam, mas poucos se escutam ou se compreendem de fato, o romance *Reprodução*, pode ser lido como uma crítica irônica à inconsistência discursiva das mídias digitais e, em certo sentido, à forma como essas tecnologias interferem nos modos de produção, circulação e recepção da literatura contemporânea. Em uma época caracterizada pelo excesso de telas, sobrecarga informacional e experiências mediadas pela realidade virtual, a narrativa de *Reprodução* desloca para o espaço físico do livro os “pedaços de realidade” que, segundo Leonardo Villa-Forte (2019), passam a compor a matéria-prima da literatura na era digital.

No ensaio *O Estado dos Textos*, Villa-Forte (2019) analisa as transformações da escrita e da literatura frente às dinâmicas digitais, enfatizando o descentramento da autoria e a emergência de uma intertextualidade ampliada. O autor observa que, na contemporaneidade, muitos escritores adotam estratégias que desafiam as concepções tradicionais de originalidade, ao incorporarem fragmentos de discursos alheios, referências midiáticas e elementos da cultura digital em seus textos. Dessa forma, o papel do escritor desloca-se da figura do "criador absoluto" para o de um curador, montador ou intérprete de vozes dispersas no espaço virtual.

No caso de *Reprodução*, esse processo se manifesta de forma intensa na construção do protagonista, cuja fala confusa e reiterativa reproduz com exatidão a cacofonia dos discursos circulantes nas redes sociais. O “estudante de chinês” é um sujeito que internaliza fragmentos de opiniões, dados e afirmações veiculadas pela mídia digital, sem qualquer elaboração crítica ou domínio conceitual. Sua linguagem — repleta de frases feitas, teorias mal compreendidas e preconceitos disseminados — encena, no plano literário, os efeitos da cultura digital sobre a subjetividade e o pensamento.

Assim, Bernardo Carvalho parece articular, por meio da própria estrutura narrativa e da constituição de seu personagem, uma crítica não apenas à superficialidade dos discursos contemporâneos, mas também às transformações do fazer literário em um ambiente midiaticizado. Ao inserir os “pedaços de realidade” trazidos da internet no interior da obra ficcional, o autor opera uma espécie de transposição da lógica digital para o espaço da literatura, tensionando os limites entre o real e o ficcional, entre o autor e o curador, entre o texto e seu entorno cultural. Dessa forma, *Reprodução* pode ser compreendido como uma narrativa que não apenas reflete o presente digitalizado, mas o incorpora criticamente, assumindo a literatura

como espaço de reflexão sobre as novas formas de linguagem, autoria e representação na era das redes.

Nas falas fragmentadas e “responsivas” do estudante de chinês, observa-se uma estrutura narrativa que demanda a participação ativa do leitor. Diante de lacunas, vozes ausentes e falas sugeridas, é o leitor quem precisa preencher os vazios, reconstruir os interlocutores invisíveis e seguir o fluxo de uma narrativa que se desenvolve de forma não linear, marcada por interrupções e ambiguidades. Tal configuração exige uma leitura responsiva, na qual o leitor deixa de ser apenas receptor passivo e passa a atuar como coautor do sentido, reagindo à escrita e completando o discurso.

Embora essa técnica narrativa não seja exclusiva da literatura influenciada pelas tecnologias digitais, ela ressoa de maneira significativa com os modos de produção cultural contemporâneos, marcados pelo predomínio da pós-produção, do *remix*, da colagem e da apropriação. Trata-se de um modelo de criação em que o autor reorganiza, emenda e ressignifica materiais já existentes, operando como curador de fragmentos culturais. Bernardo Carvalho, ao adotar essa forma de composição textual, insere-se nesse novo paradigma do “fazer literário” contemporâneo, ao mesmo tempo em que realiza uma crítica aguda às dinâmicas da internet, suas facilidades tecnológicas e à postura passiva — ou mesmo alienada — de certos usuários e leitores.

Nesse contexto, o próprio protagonista assume o papel de produtor de conteúdo digital: ele é blogueiro, e pode ser lido como um protótipo do *hater* contemporâneo — um sujeito que acredita se expressar livremente na rede, mas que, na verdade, reproduz discursos automáticos e violentos. Seu desejo de comunicar-se através da internet é constante e obsessivo, revelando uma dependência da conectividade não apenas como meio de expressão, mas como condição de existência. Preso em uma sala da Polícia Federal, o estudante de chinês experimenta uma espécie de dupla reclusão: a física e a simbólica, esta última causada pela ausência de conexão com o mundo digital. A internet é, para ele, sinônimo de liberdade, de reconhecimento e de possibilidade de salvação: “Eu quero contar o que está acontecendo comigo. Nas redes sociais. Quero mandar um *tweet* pra ver se me arrumam um advogado. Avisar aos meus amigos do *Facebook* onde é que eu estou” (Carvalho, 2013, p. 41).

À medida que se aproxima o horário da partida do “voo das seis” — símbolo do sonho de reconstrução pessoal ao viajar para a China —, cresce a ansiedade do protagonista. A iminência da perda desse sonho e a incompreensão acerca das razões de sua detenção revelam sua fragilidade emocional e seu deslocamento em um mundo onde a realidade é constantemente

filtrada pelas lentes digitais. Sua fala desordenada, repetitiva e, por vezes, paranoica evidencia a confusão entre o real e o virtual, entre a experiência vivida e sua representação on-line, reforçando o tom crítico com que Bernardo Carvalho articula linguagem literária, cultura digital e subjetividade contemporânea.

Outro conflito evidente nas digressões dos personagens de *Reprodução* é o entrelaçamento entre línguas e suas traduções, o que revela não apenas deslocamentos semânticos, mas também disputas identitárias e culturais. A linguagem, nesse contexto, deixa de ser apenas um instrumento de comunicação e passa a operar como território simbólico, no qual sentidos são constantemente reconfigurados. Um exemplo expressivo ocorre quando o estudante de chinês divaga: “Telha vitrificada. [...] É o nome Liuli. Dessas que chinês põe em telhado de palácio. [...] Ou cristal se fosse brasileira. Tradução livre, né? Liuli também quer dizer Mendiga Miserável” (Carvalho, 2013, p. 25). A polissemia do termo “Liuli” evidencia o deslocamento de significados que ocorre na travessia entre línguas e culturas, sinalizando a fragilidade dos referentes e o caráter precário da identidade linguística.

Essa percepção está em consonância com o que Ludmer (2007) conceitua como literatura pós-autônoma: uma literatura que opera fora dos limites da autonomia estética, interagindo diretamente com discursos sociais, culturais e midiáticos. Em *Reprodução*, a língua não apenas nomeia o mundo, mas participa ativamente de sua constituição; sua perda, portanto, implica a redução de possibilidades de existência. Isso se manifesta quando o narrador observa: “Quanto menor o número de línguas, menor também será o número de crenças. [...] Está escrito aqui que o Brasil tem cento e oitenta e cinco línguas endêmicas e que a diversidade das línguas tem a ver com a diversidade das espécies biológicas” (Carvalho, 2013, p. 114). A analogia entre diversidade linguística e biodiversidade reforça a ideia de que a extinção de línguas compromete não apenas formas de expressão, mas formas de vida.

A tensão entre o desejo de ser compreendido e os limites da linguagem culmina na aspiração por uma língua perfeita, que eliminaria o mal-entendido e a ambiguidade: “Se me pedissem para inventar uma língua, eu criava uma onde tudo estivesse dito e não sobrasse nenhum espaço nem pra imaginação nem pra mal-entendido. Ninguém ia precisar explicar nada” (Carvalho, 2013, p. 114). Essa idealização utópica revela, contudo, a crise da linguagem na contemporaneidade, na qual o excesso de informação e a aceleração das trocas simbólicas produzem ruídos e instabilidades. Como aponta Leonardo Villa-Forte (2021), a literatura contemporânea se move justamente nesse espaço de ruína e reinvenção, em que a linguagem aparece ao mesmo tempo como ferramenta e obstáculo, como mediação e falha.

O protagonista é figura emblemática desse impasse. Inicialmente, sua decisão de aprender chinês parte da constatação da insuficiência de sua própria língua para dar conta da experiência: “Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer” (Carvalho, 2013, p. 9). No entanto, ao longo do romance, torna-se evidente que o problema não reside apenas na língua em si, mas na incapacidade do sujeito de formular um discurso próprio. Incapaz de expressar seus pensamentos de maneira autêntica, o estudante passa a reproduzir discursos alheios — oriundos de jornais, revistas, blogs e outras mídias — que absorve como verdades por seu simples caráter público e repetido.

Esse movimento de reprodução, como sugere o próprio título do romance, revela um esvaziamento do sujeito e a perda de sua capacidade de formulação própria. Trata-se de um sujeito que não articula uma visão de mundo, mas apenas repete fragmentos já legitimados pelo discurso midiático. Em consonância com a ideia de literatura pós-autônoma (Ludmer, 2007), o romance de Carvalho expõe a dissolução das fronteiras entre a ficção e os discursos sociais, evidenciando a interferência de instâncias externas (como o jornalismo, o marketing, a propaganda e a opinião pública) na constituição do sujeito e na linguagem literária.

A falha na comunicabilidade em *Reprodução* é explorada de forma recorrente por meio das interações entre os personagens e de seus conflitos. A incomunicabilidade atravessa toda a narrativa, instaurando um ambiente de tensão, ruído e desentendimento, em que os diálogos se mostram truncados ou inexistentes, marcados por monólogos egocentros e desconexos. No entanto, ao final do romance, esse abismo comunicacional parece esboçar uma tênue superação — não por meio da linguagem verbal ou de uma língua compartilhada, mas por meio de outra forma de linguagem, talvez mais simbólica, corporal ou afetiva. Estaria aí o toque irônico final de Bernardo Carvalho?

A cena em que o estudante de chinês acredita reencontrar sua antiga professora, embora ela negue repetidamente ser essa pessoa, sugere uma comunicação que se dá além das palavras: “[...] Como a professora de chinês idêntica à chinesa com que agora ele fala e que, embora já tenha dito mais de uma vez que não se chama Liuli nem Lazurita, está com os olhos cheios d’água.” (Carvalho, 2013, p. 166). Apesar da recusa verbal da identidade, o estudante interpreta esse momento como o reencontro com a professora. O gesto, o olhar e a emoção parecem ter mais força do que a linguagem verbal, indicando uma possibilidade de comunicação que escapa à lógica racional da língua.

Do mesmo modo, a relação entre o estudante e a menina chinesa que ele acompanha até o país asiático é atravessada por barreiras linguísticas, culturais e emocionais. A comunicação entre eles se revela profundamente limitada, marcada por mal-entendidos, silêncio e desconforto mútuo. No entanto, no momento da despedida, a intensidade da reação da menina revela que, apesar de ter feito a viagem a contragosto, ela não queria se afastar do estudante de chinês. Há, nesse gesto, uma manifestação afetiva que escapa à linguagem verbal, mas que comunica — de forma ambígua e contraditória — um tipo de vínculo que se formou ao longo do percurso. Como descreve o narrador: “Chorou muito mais, e mais forte ainda — gritando e esperneando como nunca, quando viu o estudante de chinês com quem ela, a contragosto, tinha atravessado o mundo de mãos dadas se afastar e ir embora” (Carvalho, 2013, p. 166-167). A intensidade da reação da menina sugere que, embora não houvesse compreensão linguística, algo foi compartilhado — ainda que de forma ambígua, dolorosa e involuntária.

Assim, uma das questões centrais do romance parece residir justamente na problematização da linguagem e de seus limites. O que não é dito — ou o que não pode ser dito — ganha importância significativa. A literatura de Bernardo Carvalho explora não apenas o que se comunica, mas, sobretudo, o que escapa à comunicação. A obra sugere que, na contemporaneidade, em meio ao excesso de discursos, conexões e ruídos comunicacionais, talvez a verdadeira linguagem seja aquela que permanece nas entrelinhas, no gesto, na dúvida e na ausência de sentido claro.

As escrituras da atualidade propõem novas formas de criação artística, desafiando e remodelando o conceito de literatura; exploram a autorreferencialidade, hibridismos e narrativas expandidas, indo além do formato tradicional, incorporando elementos multimídia, interatividade e experiências imersivas. De acordo com Ludmer (2007, p. 2): “Tomam a forma do testemunho, da autobiografia, da reportagem jornalística, da crônica, do diário íntimo, e até da etnografia (muitas vezes com algum “gênero literário” enxertado em seu interior: policial ou ficção científica, por exemplo)”.

A ideia de “realidadeficção”, apresentada por Ludmer, está presente nas mais diversas obras. As narrativas exploram diálogos com pautas cotidianas como racismo, política, mídias sociais e tantos outros assuntos do presente; tais discussões nas produções contemporâneas são nitidamente políticas. Para abordar os temas, muitos autores não apenas “criam” personagens fictícios, mas se utilizam de figuras reais. No contexto brasileiro, podemos citar a “escrevivência” de Conceição Evaristo, que atualmente está em grande projeção no cenário literário. Evaristo utiliza sua própria trajetória como uma ferramenta para dar voz a personagens

frequentemente silenciados, criando uma literatura que não apenas entretém, mas também provoca reflexão e empatia.

Ludmer explora a complexa relação entre realidade e ficção, destacando como a literatura contemporânea desafia as fronteiras entre esses dois universos. Para Ludmer (2007), a ficção não é apenas um reflexo da realidade, mas um espaço onde se constroem narrativas que podem reinterpretar e questionar o mundo ao nosso redor. Ela argumenta que, na literatura, a relação entre realidade e ficção se torna um jogo de espelhos, onde elementos da vida cotidiana são transpostos e reimaginados, permitindo uma nova compreensão das experiências humanas. Essa interseção provoca uma reflexão crítica sobre a veracidade das narrativas e sobre como as histórias moldam nossas percepções da realidade. Além disso, Ludmer enfatiza que essa dinâmica é especialmente relevante em um contexto de constante hibridização de gêneros e formatos, na qual a ficção se alimenta de fatos reais e vice-versa, criando camadas de significado que enriquecem tanto a literatura quanto a nossa compreensão do mundo.

Considerações finais

É inegável a influência crescente da mídia nas práticas de produção, circulação e consagração da literatura contemporânea. Ela não apenas amplia o alcance e a acessibilidade das obras, mas também molda as percepções e preferências dos leitores, afetando diretamente a forma como os textos são lidos e valorizados. Na literatura pós-autônoma, como define Josefina Ludmer (2007), essa influência se manifesta tanto na incorporação de linguagens e formatos midiáticos quanto na forma como a literatura reflete criticamente a sociedade contemporânea. O romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho, exemplifica esse movimento ao incorporar a fragmentação, o excesso de informação e a aceleração do tempo como marcas formais e temáticas, operando uma crítica irônica ao presente.

Ludmer propõe que a literatura pós-autônoma se funda na dissolução das fronteiras entre realidade e ficção, economia e cultura, revelando uma escrita que é, ao mesmo tempo, produto e crítica da sociedade midiaticizada. Como destaca Ludmer (2007, p. 2), “a realidade é ficção e a ficção é realidade”. Nesse contexto, autores como Beiguelman (2021), Hjarvard (2014) e Villa-Forte (2019) reforçam que a midiaticização transforma o conteúdo literário, bem como as condições materiais de sua existência. Assim, a literatura atual reflete uma realidade complexa, na qual autoria, obra e campo literário são constantemente ressignificados, ao passo que a

“reprodução” se configura não apenas como tema, mas também como forma e gesto estético das escrituras contemporâneas.

Diante disso, pode-se afirmar que a literatura pós-autônoma, ao incorporar os modos de funcionamento da mídia, não apenas tematiza a lógica da reprodução, mas a assume como princípio estruturante de sua própria forma. Nesse sentido, *Reprodução* evidencia como a escrita contemporânea se constitui em diálogo direto com os fluxos informacionais e com a cultura da repetição, tensionando os limites entre crítica e assimilação. Ao mesmo tempo em que reproduz os discursos circulantes, a obra os expõe, desestabiliza e problematiza, revelando as contradições de uma sociedade marcada pelo excesso e pela velocidade. Assim, a literatura não perde sua potência crítica, mas a reconfigura: deixa de ocupar um lugar autônomo para operar no interior das dinâmicas midiáticas, produzindo, a partir delas, um gesto reflexivo que convida o leitor a reconhecer e questionar os mecanismos que estruturam a experiência contemporânea.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Os Pensadores).
- BEIGUELMAN, Giselle. **Dadosfera** – em Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu, 2021.
- CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v.1, n.2, nov. 2011 - abr.2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413/12270>. Acesso em: 17 out. 2023.
- HJARVARD, Stig. Midiatização: Conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**. São Paulo, v.8, n.1, p. 21-44, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82929/85963>. Acesso em: 17 nov. 2023.
- LIMA, Elizabeth Gonzaga. O escritor no picadeiro: considerações sobre a recepção da literatura na era do espetáculo. **ABRALIC** – Associação Brasileira de Literatura Comparada, Nº 27, 2015.
- LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. **Ciberletras** – Revista de crítica literária y de cultura, Nº 17, 2007.
- MORATELLI, Valmir. Conceição Evaristo é vítima da ‘praga’ que acomete escritores-celebridades. **Veja**, Rio de Janeiro, 25 nov. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/conceicao-evaristo-e-vitima-da-praga-que-acomete-escritores-celebridades>. Acesso em: 08 dez. 2023.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SILVA, Victor Hugo. 81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio. **G1**, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

VILLA-FORTE, Leonardo. O Estado dos textos. In: VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever**: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.